



IDENTIDADE DOCENTE: DA FORMAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) ÀS SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Lucas Serpa da Silva

lucasserpa-@hotmail.com¹

Ligia Cardoso Carlos

li.gi.c@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho surge do interesse em investigar o tema identidade, neste caso específico, a identidade docente. Tem origem em uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas, que busca na Geografia, em interface com estudos sobre a formação de professores, discutir a identidade dos profissionais que atuam na área de ensino a fim de compreender como esta se constitui e quais são os fatores que influenciam nesse complexo processo de construção identitária. A pesquisa, em fase inicial, se realiza com professores e professoras de uma escola pública de Ensino Fundamental, localizada na área urbana do município de Capão do Leão no Rio Grande do Sul. Dessa forma, tendo como referência SOUZA (2013), teremos a escola como o espaço social da pesquisa, entendendo este como aquele espaço produzido pela sociedade, identificado pelas relações sociais e por uma materialidade, mas não reduzido a ela. Compreendemos a identidade a partir de um sujeito pós-moderno, que não possui somente uma, mas várias identidades, que se encontram em um contínuo processo de construção a partir das experiências sociais cotidianas de cada sujeito. A identidade docente constrói-se, também, a partir do seu significado, dos seus valores, representações e vivências como profissional, bem como no seu lugar de formação. Nesse sentido, a pesquisa visa analisar como se dá esse processo de formação identitária, bem como quais fatores irão influenciar nesse complexo caminho no qual se constitui um professor ou professora. Para isso, buscamos HALL (1998), SOUZA (2013) e MARCELO (2009), por exemplo, para compreender conceitos básicos acerca da temática a fim de dar base para o desenvolvimento de nossa pesquisa, procurando atender aos questionamentos e anseios que dão origem a investigação. Para isso, nos utilizaremos da entrevista narrativa como método de coleta de dados no âmbito da pesquisa qualitativa, buscando compreender, nas trajetórias docentes e no contexto de uma escola específica, quais elementos são fundamentais no processo de construção da identidade profissional. Como resultados, neste momento, indicamos a necessidade de ampliação de estudos sobre a identidade dos professores de Geografia e sua vinculação com o local de trabalho, visto que a um aumento dos estudos sobre identidade, porém, não no que refere à área da Geografia e aos contextos de trabalho destes profissionais.

Palavras-chave: Identidade, Formação de professores, Ensino, Espaço social.

¹ Produto de Dissertação de Mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas, o presente trabalho ganha corpo com o incentivo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através da disponibilidade de bolsa.

Introdução

O presente trabalho de pesquisa surge do interesse em investigar o tema identidade, neste caso específico, a identidade docente. Resultado de um processo de amadurecimento e crescimento a partir de pesquisas, leituras, reflexões e discussões, este ensaio nasce do desejo em investigar a subjetividade presente na formação de professores e professoras.

As experiências realizadas durante a graduação deram suporte para chegar à temática central deste trabalho. Atividades, projetos e leituras desenvolvidas no curso de Licenciatura em Geografia, bem como durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), contribuíram fortemente ao permitir vivenciar as realidades da escola pública e identificar temáticas que vieram ao encontro dos questionamentos e inquietações procedentes da graduação.

Porém, foi na pós-graduação que me aproximei de uma pesquisa que busca compreender os vínculos entre a escola e a comunidade. Esta pesquisa, vinculada ao Grupo de Pesquisa e Estudos Espaços Sociais e Formação de Professores (GESFOP), do qual fazemos parte, gerou um desdobramento que se constitui no presente trabalho, ou seja, entender a contribuição da escola, entendida como lugar, na formação da identidade dos docentes. A escola investigada localiza-se na área urbana do município de Capão do Leão-RS, tem cerca de 200 alunos no ensino fundamental. Os sujeitos da pesquisa são os cinco professores dos anos finais do ensino fundamental.

Justificativa e problematização

Dessa forma, os processos citados anteriormente possuem, direta ou indiretamente, fatores ligados à identidade em suas abordagens. Por que aqui possuo uma identidade ou postura diferente de outros lugares? Stuart Hall (2006) aponta que possuímos não somente uma identidade, mas inúmeras, e elas estão em constante transformação no decorrer de nossas vidas como sujeitos sociais a partir de nossas vivências e experiências cotidianas.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que suas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, S., 2006, p. 13).



Assim, compreendemos que a identidade, como defendida por Hall (2006), não é imutável, mas, parte de um complexo processo contínuo de construção e formação identitária, que sofre influência de diversos fatores a partir das experiências de cada educador na construção da sua identidade profissional, conforme aponta Pimenta (1999):

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão de tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemáticas das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida ser professor. (PIMENTA, S. G., 1999, p 19).

Tais elementos podem ser analisados em diálogo com Faria e Souza (2011) através da seguinte abordagem:

O que se pode afirmar a partir dos objetos apresentados é que eles confirmam o interesse de pesquisadores sobre o tema de identidade docente, sobretudo nos últimos três anos, o que nos conduz a perguntar a respeito do porquê do interesse, aparentemente recente sobre o tema, o que as próprias pesquisas nos ajudam a responder, quando declaram acreditar que compreender a constituição da identidade do professor permitirá desvelar aspectos relativos às práticas docentes e propor melhores formas de atuação dos cursos de formação de professores, além da melhoria das práticas educativas. (FARIA & SOUZA, 2011, p. 40).

Os autores apresentados para compreensão do conceito central do trabalho foram um ponto chave para a confirmação da importância em trabalhar identidade docente, sobretudo sob a ótica de uma identidade cultural apontada por Stuart Hall.

Estudos sobre identidade docente se fazem de extrema importância visando a valorização e o aperfeiçoamento da formação de professores. Nessa perspectiva, Faria e Souza (2011) afirmam que pesquisas voltadas a essa temática vêm crescendo, bem como a pesquisa qualitativa de acordo com Flick (2009).

A ampliação de estudos de caráter qualitativo permite que temáticas subjetivas sejam objeto de pesquisa nas mais diversas áreas de conhecimento. Sendo assim, realizamos uma

busca de trabalhos e pesquisas que discutem a formação de professores, mais especificamente, da sua identidade.

Em um primeiro momento estabelecemos um recorte temporal de três anos para realização de buscas em eventos nacionais da área de Geografia, a partir das palavras “identidade docente”, bem como no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os anos escolhidos foram 2015, 2016 e 2017 a fim de analisar a produção de pesquisas acerca da temática em um período recente. No processo de busca de trabalhos no site do Encontro Nacional promovido pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia foi identificado apenas um trabalho com a palavra-chave no período estabelecido.

Já a busca realizada no banco de dados da CAPES identificamos uma série de dissertações e teses que abordam a temática de identidade docente no seu enunciado. Uma rápida busca nos bancos de dados selecionados comprova que, de fato, existe um aumento de trabalhos que abordam o tema proposto, contudo, a área da Geografia carece de estudos que fomentem discussões sobre a identidade.

Ademais, trabalhos e autores identificados como referência em leituras realizadas no decorrer da pesquisa contribuíram para a formação de ideias, bem como para o encaminhamento da proposta deste trabalho. Nesse sentido, essa escrita faz-se importante, visto as possibilidades de discussão sob a ótica da Geografia, em interface com estudos sobre a formação de professores, a partir das contribuições que as áreas podem trazer para as discussões acerca da identidade docente, permitindo trabalhar com temáticas assentadas na subjetividade.

A geografia humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real (CORRÊA, R. L., 2000, p. 30).

Nessa perspectiva, entendemos que a Geografia Humanista permite trabalhar com temáticas subjetivas, voltadas a sentimentos e experiências, que compreendemos ser elementos importantes para o processo de construção de uma identidade profissional. Nesse sentido, Carlos Marcelo aponta:



É preciso entender o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional. O desenvolvimento da identidade acontece no terreno do intersubjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto. (MARCELO, C., 2009, p. 112).

De acordo com o autor, a identidade pode ser compreendida como uma resposta quando nos perguntamos quem somos nesse momento. Seu artigo aponta para uma crise na identidade dos profissionais docentes que, devido as condições atuais de trabalho e reformas educacionais, enfrentam um cenário de desvalorização e de déficit de consideração social, fragmentando elementos que fundamentam uma sociedade. Nesse sentido, faz-se importante pesquisas sobre a temática, sobretudo que fortaleçam e reafirmem a importância dos profissionais docentes e do desempenho de seu papel.

Proposta metodológica

A pesquisa qualitativa tem se consolidado nos últimos anos, tornando-se cada vez mais ampla e mais diversa nas mais diferentes áreas. Segundo Flick (2009), há dificuldade em se afirmar uma definição comum para a pesquisa qualitativa que possa ser aceita pelas suas diversas abordagens, dada sua amplitude recente. Contudo, a pesquisa qualitativa possui uma identidade própria, não se definindo por uma visão reducionista que a classifica apenas como “não quantitativa”. Esse tipo de pesquisa visa compreender e descrever fenômenos sociais, analisando experiências, examinando comportamentos e investigando documentos.

Compreender a cultura de um grupo organizado exige uma análise dos comportamentos e costumes que constituem os mesmos, papel esse que a pesquisa qualitativa exerce muito bem, sobretudo, através dos métodos específicos para esse tipo de estudo. Neste caso, a fim de identificar e analisar um elemento tão subjetivo como o processo de construção de identidades, nos utilizamos de ferramentas que possibilitam tal investigação.

Nessa perspectiva, entendemos que a entrevista narrativa se enquadra como método de coleta de dados, visto que buscaremos, nas trajetórias docentes, compreender quais elementos são fundamentais no processo de construção identitária. Dessa forma, Jovchelovitch e Bauer (2008) afirmam que as narrativas apresentam grande variedade, podendo ser uma ferramenta

de pesquisa facilmente encontrada em todo lugar, uma vez que através delas, as pessoas relembram trajetórias e contam suas histórias.

Segundo os autores, faz parte do ser humano contar histórias como uma forma de comunicação, elementar ao desempenho da linguagem, uma capacidade humana universal. Sendo assim, é através da narrativa que os sujeitos socializam suas histórias, ordenando as experiências, explicando-as e construindo suas individualidades sociais.

Os grupos sociais utilizam-se desse elemento a fim de contar histórias, através de palavras, frases, conteúdos que são singulares às suas experiências e a sua organização social. Desse modo, as narrativas preservam perspectivas que são particulares desses grupos, conforme afirmam os autores:

Comunidades, grupos sociais e subculturas contam histórias com palavras e sentidos que são específicos à sua experiência e ao seu modo de vida. O léxico do grupo social constitui sua perspectiva de mundo, e assume-se que as narrativas preservam perspectivas particulares de uma forma mais autêntica. Contar histórias é uma habilidade relativamente independente da educação e da competência linguística; embora a última seja desigualmente distribuída em cada população, a capacidade de contar história não o é, ou ao menos é em grau menor. (JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W., 2008, p.91).

Um acontecimento pode ser traduzido tanto em termos gerais como em termos indexados, o que, de acordo com Jovchelovitch e Bauer, “significa que a referência é feita a acontecimentos concretos em lugar e um tempo” (2008, p. 92). A partir dessa compreensão, alinhados aos autores, entendemos que as narrações apresentam riqueza quando se trata de colocações indexadas, reconstruindo ações e contextos específicos.

Narrações são ricas de colocações indexadas, a) porque elas se referem à experiência pessoal, b) porque elas tendem a ser detalhadas com um enfoque nos acontecimentos e ações. A estrutura de uma narração é semelhante à estrutura da orientação para a ação: um contexto é dado; os acontecimentos são sequenciais e terminam em um determinado ponto; a narração inclui um tipo de avaliação dos resultados são constituintes das ações humanas que possuem um objetivo. (JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W., 2008, p.92).

Entendemos que, apesar de simples, o ato de contar histórias requer a habilidade complexa de ordenar ações e experiências. Tal ato implica em duas dimensões, uma cronológica e outra não cronológica. A primeira delas refere-se a narrativa a partir de uma sequência de



acontecimentos, já a não cronológica aponta a configuração e um enredo, elemento importante para a estrutura narrativa.

Nessa perspectiva, é o enredo que vai dar coerência e sentido à narrativa, fornecendo contexto e ligação sequencial e ordenada as experiências narradas. Configurando e estruturando os acontecimentos, o enredo define o espaço e o tempo, marcando o começo e o fim da história. A entrevista narrativa visa encorajar e estimular o entrevistado a contar a sua história, de forma que a ideia central “é reconstituir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes” (JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W., 2008, p.93).

A presente pesquisa investiga a identidade docente a partir das trajetórias de cada professor e, para isso, devemos estabelecer um caminho metodológico para o desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, a pesquisa será realizada em um espaço social, entendendo-o “como aquele que é apropriado, transformado e produzido pela sociedade” (SOUZA, M. L., 2013, p. 22). Nesse sentido, o espaço social no qual a pesquisa está inserida, a escola pública, se configura como uma organização dinâmica, pois a escola possui ritmos variados, constantemente se moldando as intempéries que pairam no campo educacional.

Nessa perspectiva, os caminhos da pesquisa foram estruturados da seguinte forma, a saber: (1) pesquisa bibliográfica; (2) observação; (3) entrevistas; e (4) análise dos dados.

Primeiramente, consideramos a pesquisa bibliográfica a base de um trabalho de pesquisa, sendo imprescindível para esta e qualquer pesquisa dedicada a área de ensino. Assim, para que, a partir dela, seja possível desenvolver uma pesquisa que contribua ao meio acadêmico, nos debruçaremos sobre um significativo aporte teórico que terá reflexo nas demais etapas da pesquisa.

Compreendemos que a pesquisa bibliográfica é um dos processos metodológicos mais importantes, visto que o material analisado, além de amplo, reflete-se ao longo de toda a pesquisa concomitantemente ao demais métodos utilizados. A fim de compreender a noção de pesquisa bibliográfica, Gil (2001) aponta:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, A. C., 2001, p. 3).

O processo de observação, a fim de conhecer o campo de pesquisa, permite analisar as relações sociais presentes no espaço social investigado. Nesse segundo momento, voltado as observações em campo, teremos a oportunidade de vivenciar o cotidiano da escola, analisando as dinâmicas organizacionais e coletando dados importantes para a pesquisa.

Dessa forma, compreende-se que a observação é mais do que, somente, coletar dados. De acordo com Angrosino (2009) a observação não é propriamente uma técnica de coletar dados, mas sim o papel adotado pelo pesquisador para facilitar a sua coleta de dados. Os dados obtidos em campo, no período de observações, contribuirão para o momento seguinte, dedicado as entrevistas. A adoção desse tipo de técnica, apoiado a entrevista narrativa, dá-se por permitir uma ampla possibilidade de abordagem das questões.

A escolha pela entrevista narrativa faz-se evidente por possibilitar uma abordagem na qual o entrevistador apresenta um nível de interferência mínimo sobre o informante. Nesse sentido, a narrativa substitui o esquema fechado de pergunta-resposta, possibilitando uma linguagem mais espontânea na narração dos acontecimentos.

Por fim, após o momento de coleta de dados, tanto da observação quanto das entrevistas semiestruturadas, nos dedicaremos à análise dos dados obtidos na pesquisa. Essa etapa contempla todo caminho realizado nos estudos, levando em consideração o campo teórico e prático da investigação a fim de organizar e sistematizar todos os dados coletados dentro e fora do campo.

Considerações sobre o processo

A pesquisa que gera o presente artigo se encontra ainda bastante incipiente e como resultados, neste momento, consideramos a necessidade de ampliação de estudos sobre a identidade dos professores de Geografia e sua vinculação com o local de trabalho, visto que a um aumento dos estudos sobre identidade, porém, não no que refere à área da Geografia e aos contextos de trabalho destes profissionais.

Em um primeiro momento, sabemos que as identidades dos sujeitos pós-modernos são inúmeras e diversas, e mais, estão sofrendo transformações continuamente de acordo com as experiências de cada indivíduo no seu cotidiano. Sendo assim, Marcelo (2009) considera que a



partir da identidade docente os professores e professora se definem e definem aos outros, entendendo a questão da identidade com uma construção de si mesmo como profissional ao longo das experiências na sua carreira. Desse modo, podemos inferir que o sujeito está em constante mudança, sua identidade está sempre aberta, nos levando a questionar como, na prática, ocorre esse processo para os profissionais da área de ensino.

Assim, tendo a escola como o espaço social do trabalho, buscamos compreender qual a importância do lugar como elemento na formação da identidade docente. Nesse sentido, entendemos que o lugar é um espaço repleto de significados, marcado pela relação do sujeito com aquele espaço vivido, conforme aponta Souza (2013):

O “lugar”, aqui neste livro, não é “qualquer lugar”, um sinônimo abstrato de localidade; ele é um espaço dotado de significado e carga simbólica, ao qual se associam imagens, muitas vezes conflitantes entre si: lugar de “boa fama” ou de “má fama”, hospitaleira ou perigoso, e assim segue. O lugar é, em princípio, um *espaço vivido*: vivido, claro, pelos que lá moram ou trabalham quotidianamente. O que é uma imagem de lugar? O que é uma “ideia” (ou “ideias”) e um “sentimento” (ou “sentimentos”), que se expressam por representações, por uma toponímia, por um conjunto de indicações (tabus, recomendações, interdições: “não vá lá, é perigoso”; “ah, como eu adoraria morar naquele lugar!”,,,). Uma imagem de lugar (e, no limite, a ideia de “lugar” em si), assim como um território, se “decalca” sobre um espaço material, mas não se confunde inteiramente com ele. (SOUZA, M. L., 2013, p. 36)

A questão elementar proposta na pesquisa, visa investigar os vínculos da escola com a identidade dos professores que nela atuam, considerando outros processos que constituem cada identidade singular. Compreendemos, então, que a escola é um “lugar” e um elemento, em maior ou menor grau, importante nesse processo para cada professor ou professora. Contudo, a partir da percepção do conceito elementar, buscamos entender de que forma o lugar, o espaço social da pesquisa, influencia a construção da identidade dos docentes. Nesse sentido, entendemos que o espaço social pode ser caracterizado pela materialidade, porém, não subtraído a ela, conforme discute Souza (2013). Devemos, assim, levar em consideração as relações sociais existentes naquele espaço geográfico, a fim de compreendê-lo como lugar social, não esgotando-o ao material.

Referências bibliográficas



- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- FARIA, E.; SOUZA, V. L. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Psicologia Escolar e Educacional**. Paraná, v. 15, n. 01, p. 35-42, jan/jun, 2011.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1998.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, M. W., GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes: 2008.
- MARCELO, C. A identidade docente: constantes e desafios. **Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente**. Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago/dez, 2009.
- PIMENTA, S. G. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.
- SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.